



Liberdade, Equidade e Emancipação

Atas do XV Congresso da

Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação



SOCIEDADE PORTUGUESA
DE CIÊNCIAS
DA EDUCAÇÃO

Título:

Liberdade, Equidade e Emancipação. Atas do XV Congresso da SPCE

Organizadores:

Luis Grosso Correia

Tiago Neves

Editor:

Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação

Tratamento gráfico:

eventQualia

Foto de capa:

Marta Azevedo

Suporte:

Eletrónico

Data da publicação:

dezembro 2021

ISBN: 978-989-95390-4-4



Todo o conteúdo desta publicação, exceto onde esteja identificado, está licenciado sob uma Licença Creative Commons.

A expressão escrita e conteúdo dos textos é da exclusiva responsabilidade do/as respetivo/as autore/as.



ATITUDES DOS JOVENS ALUNOS FACE A SI PRÓPRIOS E AO AMBIENTE

Maria da Conceição Martins¹, Feliciano H. Veiga²

¹*Instituto Politécnico de Bragança (Portugal), cmartins@ipb.pt*

²*Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (Portugal), hveiga@ie.ulisboa.pt*

Resumo

O estudo das atitudes face ao ambiente tem-se tornado muito atual e importante para a educação, com os estudos empíricos sobre os fatores pessoais e sociais que condicionam tais atitudes a relevar a necessidade de aprofundamento das pesquisas. Esta pesquisa visou encontrar respostas para o Problema de investigação: Como se caracterizam as atitudes dos jovens alunos face a si próprios (autoconceito) e face ao ambiente, como se relacionam entre si estas variáveis e quais os seus fatores? A metodologia seguiu uma abordagem quantitativa, com análises correlacionais e diferenciais. A amostra foi constituída por 1281 jovens, com idade entre 12 e 18 anos, dos 7.º, 9.º e 11.º anos de escolaridade, repartidos pelo interior do país e pelo litoral. Como instrumentos, utilizaram-se as escalas Autoconceito Forma 5, Environmental Attitude Inventory e Atitudes dos Jovens Face ao Ambiente. Quanto ao procedimento, foram tidos em conta os cuidados éticos e os instrumentos foram administrados em contexto de sala de aula, nos Agrupamentos de Escolas de duas zonas geográficas distintas. Os resultados permitiram caracterizar as atitudes e encontrar relações significativas entre as atitudes face a si próprio e as atitudes face ao ambiente, bem como detetar diferenciações nas atitudes em função das variáveis sociodemográficas consideradas (idade, sexo, zona geográfica e rendimento escolar), com resultados em geral favoráveis aos sujeitos mais novos, do sexo feminino, do litoral e com superior rendimento escolar. Os resultados foram discutidos e interpretados à luz da literatura revista. Implicações para a educação pessoal e ambiental dos jovens serão sistematizadas.

Palavras-chave: atitudes, jovens, autoconceito, ambiente, educação.

Abstract

The study of attitudes towards the environment has become current and important for education, and empirical studies on the personal and social factors that condition such attitudes have been highlighting the need for further research. This study aimed to find answers to the following research problem: How to characterize the attitudes of young students towards themselves (self-concept) and the environment, how are these variables related to each other and what are their factors? The methodology followed a quantitative approach, with correlational and differential analyzes. The sample consisted of 1281 students, aged between 12 and 18 years old, from 7th, 9th and 11th years of schooling, from two different regions of Portugal. The Autoconceito Forma 5, Environmental Attitude Inventory and Youth Attitudes Towards the Environment scales were used as instruments, after studying and confirming their psychometric qualities. Regarding the procedure, ethical care was taken into account and the instruments were administered in the classroom, in all School in this two different geographical areas. The results allowed characterizing the attitudes and finding significant relationships between self-concept and attitudes towards the environment and detected differences in attitudes depending on sociodemographic variables considered (age, gender, geographic area and school performance), with results in general favorable to young, female, students from the coast and students with higher school performance. The results were discussed and interpreted in the light of the revised literature. Implications for the personal and environmental education of young people will be systematized.

Keywords: attitudes, young people, self-concept, environment, education.

1. INTRODUÇÃO

A importância crescente dos problemas ambientais que afetam severamente o planeta têm feito emergir uma nova perspetiva ecológica, que pretende contrariar essa trajetória que acentua a degradação dos ecossistemas naturais década após década. Esse novo olhar sobre as relações Homem-Natureza deverá permitir uma interpretação mais holística e sistémica, encarando a

(in)sustentabilidade ambiental como decorrente das ações humanas nas suas múltiplas vertentes. A participação individual nos processos de preservação da qualidade ambiental é, por isso, considerada um dos maiores desafios das sociedades modernas, e os jovens têm um papel central nessa mudança.

O acentuar destas preocupações provocaram mudanças conceptuais e metodológicas que permitiram que a psicologia ambiental passasse a dar mais atenção ao estudo das atitudes e comportamentos que possam afetar os processos ou os recursos naturais. Nesse sentido, uma das primeiras tarefas desta área de expansão da psicologia ambiental foi procurar compreender como é que o ambiente, visto nesta perspetiva ecológica, se torna psicologicamente relevante nas e através das ações e experiências das pessoas que vivem e atuam nele (Hawcroft & Milfont, 2010).

A investigação mais alargada na qual este artigo se enquadra teve como objetivo encontrar problemas para o seguinte problema de investigação: Como se caracterizam as atitudes dos jovens alunos face a si próprios e face ao ambiente, como se relacionam entre si estas variáveis e quais os seus fatores? Conhecer melhor a relação entre as atitudes face a si próprio e as atitudes face ao ambiente permitirá compreender em que medida os investimentos na promoção do autoconceito feitos pela escola, pela família e pela comunidade pode trazer benefícios também para a melhoria das atitudes dos jovens.

2. ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL

As atitudes face a si próprio, entendidas nesta investigação como um constructo equivalente ao autoconceito, são definidas como as perceções que o indivíduo tem das suas capacidades, competências, aparência e aceitabilidade social, formadas através das experiências do indivíduo e das interpretações que o mesmo faz do feedback que recebe de outros significativos (Marsh, 2005).

O autoconceito é um elemento central na formação da personalidade e um indicador da satisfação pessoal e do bem-estar psicológico (Fuentes et al., 2015; García et al., 2017; Martins & Veiga, 2020b), sendo um importante fator a ter em consideração no estudo da psicologia dos adolescentes. À medida que processa a transição da infância para a idade adulta, o autoconceito torna-se mais diversificado e multidimensional, necessitando de um longo processo para se consolidar e, embora seja uma das estruturas mais estáveis da identidade do sujeito, vai sofrendo mudanças que refletem as capacidades transitórias relativas à idade, bem como as experiências que o sujeito vai acumulando (Veiga, 2012).

A promoção do autoconceito está associada a benefícios académicos, sociais e comportamentais, como uma variável mediadora que contribui para a explicação de outros produtos, como o aumento do envolvimento e o desempenho escolar (Veiga et al., 2015). Daí a importância do seu estudo e das condições pessoais e sociais que podem desencadear essa mudança, bem como o estudo dos eventuais efeitos que possam ter noutras dimensões da personalidade.

Os estudos que utilizam instrumentos de avaliação mais sensíveis mostram que o autoconceito se desenvolve de forma complexa, com algumas dimensões a registar um aumento com a idade (Coelho et al., 2015; Marsh, 2005; Musitu et al., 2001) e outras a diminuir (Veiga, 2012). Em relação ao sexo, nos estudos revistos encontrou-se superioridade dos sujeitos do sexo masculino em algumas dimensões (García et al., 2017), do sexo feminino noutras (Coelho et al., 2015) e em alguns não se registou diferenciação (García et al., 2017; Musitu et al., 2001). As causas apontadas para essas diferenças remetem para os estádios de desenvolvimento em que os sujeitos se encontram e para as relações interpessoais que estes estabelecem. No que diz respeito ao rendimento académico, as atitudes face a si próprio têm vindo a ser assinaladas como a variável que apresenta maior capacidade preditiva, com diversos estudos indicando a existência de uma relação positiva e recíproca entre ambas as variáveis, nomeadamente entre o autoconceito académico e o rendimento escolar nas áreas disciplinares correspondentes (Marsh & Martin, 2011; Martins & Veiga, 2020b).

Conhecer melhor os padrões de associação entre o autoconceito e as variáveis sociodemográficas, nomeadamente na adolescência, contribuirá para intervenções educativas mais ajustadas às necessidades dos adolescentes em cada contexto (García et al., 2017; Marsh, 2005; Veiga et al., 2015). Compreender como os jovens podem aumentar a sua realização académica, ultrapassando as restrições pessoais e contextuais, deve ser uma das principais preocupações dos alunos, dos seus pais e das escolas, uma vez que, quando o aluno tem uma atitude positiva face a si próprio isso irá contribuir para que obtenha melhores resultados escolares e para aumentar o seu bem-estar.

As atitudes face ao ambiente representam o conjunto de crenças, afetos e intenções comportamentais que um indivíduo mantém em relação ao ambiente (Schultz et al., 2005), sendo

resultado de um complexo processo de socialização que envolve família, amigos e professores, bem como agentes externos mais difusos (Hawcroft & Milfont, 2010). Nesse processo, são coordenadas por um sistema de valores ambientais que podem refletir os valores antropocêntricos ou os valores ecocêntricos (Amérigo et al., 2012), fazendo com que os indivíduos aderiram a campanhas e projetos de preservação da natureza, apenas se os mesmos tiverem efeitos positivos no progresso económico e tecnológico (antropocêntricos), ou defendam a preservação pelo valor intrínseco da natureza e expressando atitudes pró-ambientais mesmo quando estas não trazem benefícios para os humanos (ecocêntricos).

Conhecer como se diferenciam as atitudes face ao ambiente ao longo da idade, tem despertado o interesse de diversos investigadores (Gifford & Nilsson, 2014; Milfont & Schultz, 2018), mas essa relação pode ser complexa (Franzen & Meyer, 2010). Os estudos realizados com adolescentes indicam que os mais jovens têm atitudes mais positivas (Hawcroft & Milfont, 2010; Martins & Veiga, 2020a). Contudo, alguns estudos assinalam uma diminuição das atitudes com o avançar da adolescência, pelo menos em algumas dimensões (Bogner, 2018). Em relação às diferenças entre sexos, a maioria dos estudos destaca a superioridade dos sujeitos do sexo feminino (Martins & Veiga, 2001; Pérez-Franco et al., 2018), podendo tal diferenciação e superioridade ficar a dever-se aos estereótipos de natureza cultural associados aos processos de socialização (Martins & Veiga, 2020a; Milfont & Duckitt, 2010). As pesquisas sobre diferenciação das atitudes face ao ambiente em função da zona geográfica têm revelado tendência para uma relação entre estas duas variáveis (Gifford & Nilsson, 2014). Contudo, alguns estudos referem ter encontrado atitudes face ao ambiente mais elevadas nos sujeitos do meio urbano (Biswas, 2017), e outros referem uma diferenciação inversa ou uma não diferenciação. No que diz respeito ao rendimento académico, parece haver consenso acerca da existência de correlação significativa e positiva (Franzen & Meyer, 2010; Gifford & Nilsson, 2014; Martins & Veiga, 2001), com os jovens que apresentam mais conhecimentos específicos sobre os problemas ambientais e os que participaram em formações realizadas em contacto com a natureza a apresentar atitudes mais favoráveis à preservação ambiental. Torna-se, por isso, relevante assegurar que os programas curriculares dos vários níveis de ensino permitam abordar conteúdos sobre os problemas ambientais mais complexos e incluir momentos de contacto com a natureza.

Alguns autores têm salientado o papel central do ajuste escolar na promoção da “empatia ambiental” e da “conexão com a natureza” dos jovens (Musitu-Ferrer et al., 2019), considerando a empatia ambiental referente à capacidade de sentir e compreender assuntos relacionados com o ambiente natural e a conexão com a natureza referente ao grau com que alguém se identifica com o ambiente natural (Guckian et al., 2017). Havendo uma correlação positiva do ajuste escolar com o rendimento académico e com o autoconceito académico (Veiga et al., 2015), presume-se a existência também de correlação, positiva e significativa, entre o autoconceito académico e a empatia ambiental e conexão com a natureza. Por outro lado, alguns autores referem que a conexão com a natureza está negativamente correlacionada com os valores antropocêntricos (Amérigo et al., 2012). No entanto, é de salientar a necessidade de aprofundamento das pesquisas, tendo em vista aclarar a relação entre estes constructos e as atitudes face a si próprio e face ao ambiente, nas suas múltiplas dimensões.

3. METODOLOGIA

Na presente investigação pretendeu-se dar resposta ao seguinte problema de investigação: Como se caracterizam as atitudes dos jovens alunos face a si próprios (autoconceito) e face ao ambiente, como se relacionam entre si estas variáveis e quais os seus fatores? A metodologia, de natureza quantitativa, teve por base a aplicação de um inquérito, para captar as perceções, pensamentos e sentimentos dos participantes, constituído pelos questionários Autoconceito Forma 5 (AF5) (García & Musitu, 2014), Environmental Attitude Inventory (EAI-24) (Milfont & Duckitt, 2010) e Escala de Atitudes dos Jovens Face ao Ambiente (Martins & Veiga, 2001), com respostas estruturadas em seis níveis.

A escala Autoconceito Forma 5 (AF5) foi selecionada devido à sua multidimensionalidade e boas qualidades psicométricas, e por ser um instrumento de avaliação do autoconceito validado em diversos contextos geográficos (García et al., 2017), incluindo Portugal (Coelho et al., 2015). A escala Environmental Attitudes Inventory foi adotada tendo por base as boas qualidades psicométricas da escala original e a opção pela sua versão reduzida a 24 itens (EAI-24), devido ao número de itens ser adequado à utilização conjunta com outras escalas (Milfont & Duckitt, 2010). A utilização da Escala de Atitudes dos Jovens Face ao Ambiente (EAJFA) deveu-se ao facto de a mesma ter sido construída para alunos portugueses da mesma faixa etária (Martins & Veiga, 2001).

Foram seguidas as orientações éticas recomendadas pela equipa de Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar do Ministério da Educação e pela Comissão de Ética do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Previamente à aplicação do inquérito foi solicitada autorização a cada um

dos Diretores dos Agrupamentos de Escolas abrangidos. A recolha de dados foi realizada em sala de aula, com a presença da investigadora para explicitação prévia dos objetivos da investigação e garantia do anonimato das respostas, mas sem interferência na produção das mesmas.

A amostra foi constituída por 1281 jovens portugueses, tendo-se selecionado, por conveniência, os concelhos de Bragança (interior) e Caldas da Rainha (litoral). Foram inquiridos todos os alunos que frequentavam os 7.º, 9.º e 11.º anos de escolaridade nos seis Agrupamentos de Escolas destes concelhos, com idade compreendida entre os 12 e os 18 anos ($M = 14.6$ anos; $DP = 1.84$). No total da amostra, 53.3% dos sujeitos eram do sexo feminino e 57.2% do litoral.

Partindo do problema central do estudo, foram consideradas como variáveis dependentes as atitudes face a si próprio (autoconceito) e as atitudes face ao ambiente, e como variáveis independentes a idade, o sexo, a zona geográfica (interior versus litoral) e o rendimento escolar (classificações do ano anterior). A falta de estudos prévios que analisem a relação entre estas variáveis conduziu à formulação das seguintes questões de investigação, nas quais se procurou refletir também o tipo de análise estatística pretendida para encontrar as respostas: a) Como se relacionam as dimensões das atitudes com a idade e com o rendimento escolar? b) Como se diferenciam as dimensões das atitudes em função do sexo e em função da zona geográfica? c) Como se relacionam os resultados obtidos nas atitudes face a si próprio com os resultados nas atitudes face ao ambiente?

A adaptação da escala AF5 mostrou-se adequada e útil para avaliar o autoconceito numa população de estudantes portugueses do ensino básico e secundário. A sua análise fatorial revelou características psicométricas satisfatórias em termos de fidelidade e de validade, tendo permitido obter cinco dimensões, com seis itens cada, indo ao encontro do descrito para a escala original: Autoconceito académico (AAc); Autoconceito físico (AFi); Autoconceito familiar (AFa); Autoconceito emocional (AEm); Autoconceito social (ASo).

As características psicométricas apresentadas pelas escalas de atitudes face ao ambiente (EIA-24 e EAJFA) foram moderadamente satisfatórias e permitiram concluir que as adaptações, às quais foram atribuídas, respetivamente, as designações EAFA-TM e EAFA-MV, podem ser consideradas úteis e adequadas para avaliar as atitudes face ao ambiente numa população de estudantes portugueses da faixa etária 12-19 anos. Na escala EAFA-TM a análise fatorial permitiu a extração de seis dimensões, com dois itens cada: Atitudes face à degradação da natureza (AFD); Envolvimento na preservação da natureza (EPN); Atração pela natureza (APN); Preocupação antropocêntrica com os recursos naturais (PAR); Políticas de preservação da natureza (PPN); Políticas de crescimento da população (PCP). Na escala EAFA-MV foram extraídas três dimensões, com quatro itens cada: Atitudes face à poluição (AFP); Preocupação com a ação humana sobre o ambiente (PAH); Comportamentos de preservação do ambiente (CPA).

4. RESULTADOS

Neste ponto apresentam-se os resultados obtidos, em função das variáveis consideradas, no sentido de procurar respostas para o problema de investigação e para as questões de estudo formuladas.

4.1. Atitudes face a si próprio e face ao ambiente e variáveis sociodemográfica

Em resposta à questão Como se relacionam as dimensões das atitudes com a idade e com o rendimento escolar? efetuaram-se os cálculos do coeficiente de correlação de Pearson (r) entre as atitudes e cada uma destas variáveis. Para dar resposta à questão Como se diferenciam as dimensões das atitudes em função do sexo e em função da zona geográfica? utilizou-se o teste T em amostras independentes (t), com o objetivo de averiguar se as diferenças nas médias das atitudes no sexo feminino e no sexo masculino e nas médias das atitudes nos jovens do interior e do litoral são devidas ao acaso ou se haverá diferenças, de facto, na população de onde foram recrutados os dois grupos em análise. A Tabela 1 sintetiza as relações significativas encontradas nas respostas aos questionários Autoconcepto Forma 5 (AF5), Environmental Attitude Inventory (EAFA-TM) e Atitudes dos Jovens Face ao Ambiente (EAFA-MV).

Tabela 1. Relações significativas entre as dimensões do autoconceito e das atitudes face ao ambiente e as variáveis sociodemográficas idade, sexo, zona geográfica e rendimento escolar.

V. Dependente / V. Independente	Idade	Sexo	Zona	Rendimento Escolar			
				Mat.	Port.	Hist.	Ciên.
AF5							
AAc	r-		i	r+	r+	r+	r+
AFi	r-	m	i		r+	r+	
AFa	r-			r+	r+	r+	r+
AEm		m					
ASo	r-	m		r+			
Tot	r-	m		r+	r+	r+	r+
EAFA-TM							
AFD	r+	f			r+	r+	r+
EPN	r-	f					
APN		f					
PAR	r+	f	l	r+	r+	r+	r+
PPN							
PCP	r-		l	r+		r+	r+
Tot		f	l	r+	r+	r+	r+
EAFA-MV							
AFP		f	l				r+
PAH	r+	f	l	r+	r+	r+	r+
CPA		f		r+	r+	r+	r+
Tot		f	l	r+	r+	r+	r+

Legenda: r- correlação negativa; r+ correlação positiva; m - diferença favorável ao sexo masculino; f - diferença favorável ao sexo feminino; i - diferença favorável ao interior; l - diferença favorável ao litoral; espaços em branco, ausência de correlação.

A variável idade correlacionou-se, significativa e negativamente, com quase todas as dimensões das atitudes face a si próprio; o mesmo ocorreu com duas dimensões das atitudes face ao ambiente: Envolvimento na preservação da natureza (EPN) e Políticas de crescimento da população (PCP). Por outro lado, correlacionou-se significativa e positivamente com três outras dimensões das atitudes face ao ambiente: Atitudes face à degradação da natureza (AFD), Preocupação antropocêntrica com os recursos naturais (PAR) e Preocupação com a ação humana sobre o ambiente (PAH).

A variável sexo apresentou um elevado poder de diferenciação dos resultados, quer nas atitudes face a si próprio (superior nos sujeitos de sexo masculino), quer nas atitudes face ao ambiente (superior nos sujeitos do sexo feminino). A não diferenciação dos resultados ocorreu em Autoconceito Académico (AAc) e Autoconceito Familiar (AFa), bem como em Políticas de preservação da natureza (PPN) e Políticas de crescimento da população (PCP).

A variável zona geográfica apresentou diferenças significativas nas atitudes face a si próprio nas dimensões Autoconceito Académico (AAc) e Autoconceito Físico (AFi) (superior nos sujeitos do interior). Nas dimensões Preocupação antropocêntrica com os recursos naturais (PAR), Políticas de crescimento da população (PCP), Atitudes face à degradação da natureza (AFD), Preocupação com a ação humana sobre o ambiente (PAH), bem como nos totais de ambas as escalas de atitudes face ao

ambiente, a variável zona geográfica apresentou diferenças significativas com vantagem para os indivíduos do litoral.

A variável rendimento acadêmico correlacionou-se, significativa e positivamente, com as dimensões Autoconceito Acadêmico (AAc), Autoconceito Físico (AFi) e Autoconceito Familiar (AFa) das atitudes face a si próprio; o mesmo ocorreu nas dimensões Atitudes face à degradação da natureza (AFD), Preocupação antropocêntrica com os recursos naturais (PAR), Políticas de crescimento da população (PCP), Preocupação com a ação humana sobre o ambiente (PAH) e Comportamentos de preservação do ambiente (CPA), assim como nos totais de ambas as escalas de atitudes face ao ambiente.

4.2. Relação entre as atitudes face a si próprio e as atitudes face ao ambiente

Em resposta à questão Como se relacionam os resultados nas atitudes face a si próprio com os resultados nas atitudes face ao ambiente? efetuou-se o cálculo do coeficiente de correlação de Pearson (r), com base nas respostas aos questionários Autoconceito Forma 5 (AF5), Environmental Attitude Inventory (EAFA-TM) e Atitudes dos Jovens Face ao Ambiente (EAFA-MV). Os resultados são indicados na Tabela 2.

Tabela 2. Correlações estatisticamente significativas entre as dimensões das atitudes face a si próprio e as dimensões das atitudes face ao ambiente.

Dimensões AF5	Dimensões EAFA-TM							Dimensões EAFA-MV			
	AFD	EPN	APN	PAR	PPN	PCP	Tot	AFP	PAH	CPA	Tot
AAc	r+	r+	r+		r+	r+	r+	r+	r+	r+	r+
AFi		r+	r+	r-				r+	r-		r-
AFa	r+	r+	r+	r+	r+		r+	r+		r+	r+
AEm	r-			r-			r-			r-	r-
ASo	r+	r+	r+	r-		r+	r+		r-		
Tot		r+	r+		r+		r+	r+		r+	r+

Legenda: r- correlação negativa; r+ correlação positiva; espaços em branco, ausência de correlação

O Autoconceito acadêmico (AAc) foi a dimensão das atitudes face a si próprio que mais se correlacionou com as dimensões das atitudes face ao ambiente: apresentou correlações com todas as dimensões, exceto com a dimensão Preocupação antropocêntrica com os recursos naturais (PAR), sempre positivas e sempre com elevados valores de significância estatística ($p < .01$). O Autoconceito familiar (AFa) apresentou também correlações com quase todas as dimensões das atitudes face ao ambiente, sempre positivas e quase sempre com elevados valores de significância estatística ($p < .01$). Registaram-se ainda correlações estatisticamente significativas e positivas entre os resultados no Autoconceito total e no Autoconceito social (ASo) com os resultados na maioria das dimensões das atitudes face ao ambiente, sempre positivas e quase sempre com elevados valores de significância estatística ($p < .01$). No Autoconceito emocional (AEm), todas as correlações estatisticamente significativas encontradas foram negativas.

Na escala EAFA-TM, as dimensões que registaram maior número de correlações com as dimensões das atitudes face a si próprio foram a dimensão Envolvimento na preservação da natureza (EPN) e a dimensão Atração pela natureza (APN), visto que se correlacionaram com todas as dimensões, exceto com o Autoconceito emocional (AEm), quase sempre com elevados valores de significância estatística ($p < .01$). As correlações encontradas entre as dimensões EPN e APN das atitudes face ao ambiente e as atitudes face a si próprio foram sempre positivas, indicando que, nestas dimensões, se as atitudes face ao ambiente aumentam, as atitudes face a si próprio aumentam também, e vice-versa.

Na dimensão Atitudes face à degradação da natureza (AFD), assim como no total da escala (EAFA-TM Tot), registaram-se também correlações com todas as dimensões das atitudes face a si próprio, exceto com o Autoconceito físico (AFi), quase sempre com elevados valores de significância

estatística ($p < .01$). Em ambos os casos, todas as correlações encontradas foram positivas, exceto com a dimensão Autoconceito Emocional (AEm).

No que diz respeito à EAFA-MV, merece destaque a dimensão Comportamentos de preservação do ambiente (CPA), na qual se verificou a existência de correlações com a maioria das dimensões das atitudes face a si próprio, exceto com o Autoconceito físico (AFi) e com o Autoconceito social (ASo), todas com valores de significância estatística ($p < .01$) e negativa apenas na correlação com o Autoconceito Emocional (AEm).

5. DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

A presente investigação procurou conhecer como se relacionam as atitudes dos jovens alunos face a si próprio (autoconceito) e face ao ambiente com a idade e com o rendimento escolar e como se diferenciam em função do sexo e em função da zona geográfica. Pretendeu-se, ainda saber como se relacionam os resultados obtidos nas atitudes face a si próprio com os resultados nas atitudes face ao ambiente. Neste ponto, retomam-se os principais resultados encontrados, contrastando-os com os resultados apresentados na literatura revista e tentando extrair deles conclusões que possam ser relevantes para a educação.

5.1 Diferenciação dos resultados nas atitudes face a si próprio

A análise das relações entre as dimensões das atitudes face a si próprio (autoconceito) e a idade permitiu concluir que existe correlação estatisticamente significativa e negativa no Autoconceito total e em quase todas as dimensões estudadas, mostrando que as atitudes dos sujeitos diminuem à medida que a idade aumenta na adolescência. Estes resultados não permitem corroborar de forma inequívoca a perspetiva teórica e os resultados empíricos que consideram a existência de uma evolução em U do autoconceito ao longo da adolescência (Marsh, 2005). Os resultados encontrados mostram a fase descendente da curva, coincidindo com a diminuição prevista das atitudes devido ao efeito perturbador da adolescência; contudo, o aumento no autoconceito que o modelo teórico prevê que ocorra no final da adolescência não é evidenciado, mas isso pode dever-se a que, nesta amostra, o número de jovens com 17 anos ou mais foi reduzido (18.3%).

Quanto à diferenciação das atitudes face a si próprio entre os sujeitos do sexo masculino e do sexo feminino, este estudo permitiu concluir que o Autoconceito total apresentou uma diferenciação bastante expressiva, favorável ao sexo masculino. Foram igualmente encontradas diferenças significativas no Autoconceito emocional, no qual o efeito diferenciador do sexo se mostrou mais expressivo, indo no sentido dos estudos que assinalam maior estabilidade emocional dos indivíduos do sexo masculino (Coelho et al., 2015; Fuentes et al., 2015). No Autoconceito físico, os resultados do presente estudo, com vantagem para os sujeitos do sexo masculino, podem ser olhados à luz dos estereótipos sexuais (Veiga, 2012): ao longo da adolescência os indivíduos do sexo feminino tendem a valorizar mais a aparência física e a capacidade atlética e a sentir-se mais insatisfeitos. Já no Autoconceito académico, os resultados não acompanham as explicações associadas aos estereótipos sexuais, pois não se registaram diferenças, permitindo pensar que se pode estar a registar uma progressiva não diferenciação entre sexos nesta dimensão.

Os resultados permitiram destacar correlações estatisticamente significativas e positivas entre o Autoconceito académico e as classificações de cada uma das disciplinas estudadas (Matemática, Português, História e Ciências). Além disso, a correlação entre as classificações escolares e o Autoconceito académico foi mais elevada do que a correlação entre as classificações e o Autoconceito total, tal como encontrado por outros autores (Marsh & Martin, 2011; Veiga, 2012). A intervenção junto dos jovens no sentido de melhorar o seu autoconceito, nomeadamente o Autoconceito académico, contribuirá, por sua vez, para a melhoria do envolvimento e rendimento escolar (Veiga et al, 2015).

Nesta pesquisa, registaram-se, ainda, correlações estatisticamente significativas e positivas entre o Autoconceito familiar e as classificações em todas as disciplinas analisadas, revelando que, quanto mais o aluno for amado e valorizado pela própria família, maior será a sua disposição para estudar e melhores resultados académicos podem ser esperados.

Em síntese, na presente investigação, foram encontradas relações significativas consistentes entre as atitudes face a si próprio (autoconceito) e as variáveis sociodemográficas idade, sexo e rendimento escolar. O Autoconceito total (Tot) da escala apresentou relações significativas com estas três variáveis, assim como o Autoconceito físico (AFi), enquanto nas dimensões Autoconceito Académico

(AAC) e Autoconceito familiar (AFa) foram encontradas correlações em função da idade e do rendimento escolar, mas não foram encontradas diferenças significativas entre sexos. Merece destaque também que todas as correlações com a idade foram negativas, todas as diferenças estatisticamente significativas nos resultados entre sexos foram favoráveis ao sexo masculino e todas as correlações com o rendimento escolar foram positivas.

5.2. Diferenciação dos resultados nas atitudes face ao ambiente

O estudo da diferenciação dos resultados nas atitudes face ao ambiente em função da idade permitiu evidenciar correlações estatisticamente significativas em cerca de metade das dimensões, sendo que em algumas a correlação apresentou-se negativa e noutras positiva. Nas dimensões com itens mais associados à “preservação” da natureza, os resultados apresentaram uma diminuição com a idade, coerente com outros resultados e justificada pelo facto de os adolescentes mais velhos estarem focados em interesses mais variados, reduzindo a atenção que dedicam às questões ambientais, e mais influenciados pela sociedade de consumo (Franzen & Meyer, 2010; Milfont & Schultz, 2018). Outras dimensões, associadas à “utilização” dos recursos naturais, registaram aumento ou não diferenciação das atitudes em função da idade, possivelmente por serem temas tratados desde os primeiros níveis de ensino, permitindo que os adolescentes consolidem atitudes mais positivas (Bogner, 2018).

Quanto à diferenciação das atitudes face ao ambiente entre os sujeitos do sexo masculino e do sexo feminino, este estudo permitiu concluir que existem diferenças estatisticamente significativas, com vantagem para o sexo feminino. A presente investigação permite, assim, acompanhar diversos autores (Martins & Veiga, 2001; Pérez-Franco et al., 2018), que consideram que os sujeitos do sexo feminino passam por processos diferenciais de “socialização de género” nos quais aprendem a ser mais sensíveis às necessidades dos outros e aos problemas ambientais que possam apresentar riscos para a saúde e bem-estar da família e da comunidade.

O estudo permitiu revelar a existência de diferenças estatisticamente significativas nas atitudes face ao ambiente, nos totais de ambas as escalas, e em algumas das suas dimensões, favoráveis aos jovens do litoral. Estes resultados permitem acompanhar as conclusões dos autores que salientam que os sujeitos residentes em contextos mais densamente urbanizados estão mais expostos a fatores de degradação ambiental e, por isso, mais predispostos para apoiar medidas de preservação ambiental (Biswas), enquanto os sujeitos residentes em contextos rurais estão mais dependentes da utilização dos recursos naturais para fins económicos, como a agricultura ou a pecuária, podendo levar os jovens a manifestar menos apoio às medidas ambientais.

A análise da relação entre as atitudes face ao ambiente e o rendimento escolar revelou correlações estatisticamente significativas e positivas nos totais das escalas e em algumas das suas dimensões, corroborando os estudos empíricos analisados, os quais assinalam um aumento na preocupação com os problemas ambientais à medida que o nível de educação aumenta (Gifford & Nilsson, 2014; Martins & Veiga, 2001). Os resultados aqui encontrados levam, assim, a concluir que os alunos com melhores classificações escolares têm mais e melhor capacidade de compreensão dos processos ecológicos, o que contribuirá para tornar as suas atitudes mais positivas face ao ambiente (Franzen & Meyer, 2010).

Em síntese, na presente investigação foram encontradas relações significativas consistentes entre as atitudes face ao ambiente e as variáveis sociodemográficas sexo, zona geográfica e rendimento escolar. As Atitudes Face ao Ambiente total em ambas as escalas apresentaram relações significativas com estas três variáveis, assim como as dimensões Preocupação antropocêntrica com os recursos naturais (PAR) e Preocupação com a ação humana sobre o ambiente (PAH), enquanto, pelo contrário, a dimensão Políticas de preservação da natureza (PPN) não apresentou qualquer relação estatisticamente significativa com estas variáveis. Merece ainda destaque que as diferenças estatisticamente significativas nos resultados entre sexos foram todas favoráveis ao sexo feminino, as diferenças nos resultados entre zonas geográficas foram todas favoráveis aos jovens do litoral e todas as correlações com o rendimento escolar foram positivas.

5.3. Relação entre as atitudes face a si próprio e face ao ambiente

A análise de dados permitiu encontrar diversas correlações estatisticamente significativas entre as dimensões das atitudes face a si próprio (autoconceito) e as dimensões das atitudes face ao ambiente, indicando que, em cada um desses pares de dimensões, os resultados variam conjuntamente. Além disso, verificou-se que, nos casos em que ocorre associação significativa entre

as pontuações obtidas nas dimensões das atitudes face a si próprio e nas dimensões das atitudes face ao ambiente, o sentido da relação é em geral positivo, indicando o aumento das atitudes face ao ambiente à medida que as atitudes face a si próprio aumentam, e vice-versa.

Salienta-se que o Autoconceito académico (AAc) se correlacionou significativa e positivamente com quase todas as dimensões e com os valores totais das escalas de atitudes face ao ambiente, permitindo corroborar, ainda que indiretamente, os resultados encontrados por Musitu-Ferrer et al. (2019). Registaram-se também correlações estatisticamente significativas e positivas entre o Autoconceito total e os resultados totais em cada uma das escalas de atitudes face ao ambiente, indo ao encontro dos autores que sugerem que, quanto maior for a identidade ambiental, mais positivas são as atitudes face ao ambiente (Guckian et al., 2017). Destaca-se, contudo, a necessidade de mais investigação.

No estudo das correlações entre as dimensões das atitudes face ao ambiente e as dimensões do autoconceito, verificou-se que as dimensões Envolvimento na preservação da natureza (EPN), Atração pela natureza (APN) e Atitudes face à poluição (AFP) correlacionaram-se significativa e positivamente com a generalidade das dimensões do autoconceito, permitindo corroborar os autores que salientam que, se as pessoas incorporarem na sua identidade o ambiente, então passam a valorizar as suas atitudes e os seus comportamentos pro-ambientais, para mostrarem perante a comunidade que estão preocupadas com o ambiente (Guckian et al., 2017).

São também de destacar os resultados nas dimensões Preocupação antropocêntrica com os recursos naturais (PAR) e Preocupação com a ação humana sobre o ambiente (PAH), as quais apresentaram correlações significativas com algumas dimensões do autoconceito, mas negativas. Em ambos os casos, os resultados vão ao encontro das conclusões avançadas pelos autores que referem a existência de correlação negativa entre a conexão com a natureza e as atitudes e os valores antropocêntricos (Amérigo et al., 2012; Pérez-Franco et al., 2018).

Em síntese, na presente investigação as atitudes face ao ambiente correlacionaram-se predominantemente, e positivamente, com as dimensões Autoconceito académico (AAc) e Autoconceito familiar (AFa). Por seu lado, autoconceito correlacionou-se predominantemente, e positivamente, com as dimensões Envolvimento na preservação da natureza (EPN) e Atração pela natureza (APN). Os resultados totais de cada uma das escalas correlacionam-se entre si, também positivamente. Merece ainda destaque a relação entre o Autoconceito emocional (AEm) e as atitudes face ao ambiente, pois todas as correlações significativas encontradas são negativas, assim como as correlações encontradas entre a dimensão Preocupação antropocêntrica com os recursos naturais (PAR) com as dimensões das atitudes face a si próprio são predominantemente negativas. A falta de estudos empíricos que relacionem as atitudes face a si próprio com as atitudes face ao ambiente não permite corroborar com segurança a existência destas relações, e evidencia a necessidade de novas investigações, que ampliem a compreensão acerca das relações que se estabelecem entre estas variáveis e, assim, contribuam para a definição de políticas sociais e educativas com vista a melhorar as atitudes dos jovens adolescentes, em relação a si próprios e em relação ao ambiente.

* Este trabalho foi financiado por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia, IP., no âmbito da Unidade de Investigação e Desenvolvimento em Educação e Formação UIDEF/04107/2020.

REFERÊNCIAS

- Amérigo, M., Aragonés, J. I., & García, J. A. (2012). Exploring the dimensions of environmental concern: An integrative proposal. *Psychology*, 3(2), 353–365.
- Biswas, M. (2017). A study on the environmental awareness of secondary school students in relation to gender, locale of study and medium of instruction. *International Education & Research Journal*, 3(12), 86-88.
- Bogner, F. X. (2018). Environmental values (2-MEV) and appreciation of nature. *Sustainability*, 10(2), 350.
- Coelho, V. A., Sousa, V., Marchante, M., & Romão, A. M. (2015). Validação do questionário Autoconceito Forma 5 numa amostra de crianças e adolescentes portugueses. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*. 1(1), 67-77.
- Franzen, A., & Meyer, R. (2010). Environmental attitudes in cross-national perspective: a multilevel analysis of the ISSP 1993-2000. *European Sociological Review*, 26(2), 219-234.

- Fuentes, M. C., García, F., Gracia, E., & Alarcón, A. (2015). Parental socialization styles and psychological adjustment: A study in Spanish adolescents. *Revista de Psicodidáctica*, 20(1), 117-138.
- García, A. A., Mora, P. G., Valle, C. G., & Ruiz, J. P. (2017). Autoconcepto en adultos: estudio de género y de tenencia de hermanos. *Alternativas en Psicología*, 38, 34-43.
- García, J. F., & Musitu, G. (2014). *AF5: Autoconcepto forma 5* (4.a ed.). Madrid: TEA.
- Gifford, R., & Nilsson, A. (2014). Personal and social factors that influence pro-environmental concern and behaviour: A review. *International Journal of Psychology*, 49(3), 141–157.
- Guckian, M., Young, R., & Harbo, S. (2017). Beyond green consumerism: Uncovering the motivations of green citizenship. *Michigan Journal of Sustainability*, 5(1), 73-94.
- Hawcroft, L. J., & Milfont, T. L. (2010). The use (and abuse) of the New Environmental Paradigm scale over the last 30 years: a meta-analysis. *Journal of Environmental Psychology*, 30(2), 143-158.
- Marsh, H. W. (2005). Self-concept theory, measurement and research into practice: The role of self concept in educational psychology. The 25th Vernon-Wall Lecture presented at the Annual Meeting of the Education Section of The British Psychological Society (pp. 1-89). Leicester: Durham University.
- Marsh, H. W., & Martin, A. J. (2011). Academic self-concept and academic achievement: Relations and causal ordering. *The British Journal of Educational Psychology*, 81, 59-77.
- Martins, M. C. (2020). *Atitudes dos jovens alunos face a si próprios e ao ambiente*. Tese de doutoramento. Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.
- Martins, M. C., & Veiga, F. H. (2001). *Atitudes face ao ambiente: elaboração de uma escala de atitudes dos jovens face ao ambiente*. In B. Silva & L. Almeida (Orgs). *Atas do VI Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia*. Braga: Universidade do Minho.
- Martins, M. C., & Veiga, F. H. (2020a). *Atitudes dos jovens face ao ambiente, idade e sexo*. In R. P. Lopes, C. Mesquita, E. M. Silva, M. V. Pires (Eds.). *V Encontro Internacional de Formação na Docência: Livro de Atas* (pp. 824-836). Instituto Politécnico de Bragança.
- Martins, M. C., & Veiga, F. H. (2020b). *Atitudes dos jovens face a si próprios, rendimento escolar e zona geográfica*. *Revista de Psicologia, Educação e Cultura*, 24(1), 30-46.
- Milfont, T. L., & Duckitt, J. (2010). The environmental attitudes inventory: a valid and reliable measure to assess the structure of environmental attitudes. *Journal of Environmental Psychology*, 30, 80–94.
- Milfont, T. L., & Schultz, P. W. (2018). The role of attitudes in environmental issues. In D. Albarracín, & B. T. Johnson. *The handbook of attitudes: Applications* (Vol. 2, 2.ª ed., pp. 337-365). New York: Routledge.
- Musitu, G., García, F., & Gutiérrez, M. (2001). *AFA: Auto-conceito forma A* (4.ª ed.). Madrid: TEA.
- Musitu-Ferrer, D., Esteban-Ibáñez, M., León-Moreno, C., & García, O. F. (2019). Is School Adjustment Related to Environmental Empathy and Connectedness to Nature? *Psychosocial Intervention*, 28(2), 101-110.
- Pérez-Franco, D., Pro-Bueno, A. J., & Pérez-Manzano, A. (2018). Actitudes ambientales al final de la ESO. Un estudio diagnóstico con alumnos de Secundaria de la Región de Murcia. *Revista Eureka sobre Enseñanza y Divulgación de las Ciencias*, 15(3), 1-15.
- Schultz, P. W., Gouveia, V. V., Cameron, L. D., Tankha, G., Schmuck, P., & Franek, M. (2005). Values and their relationship to environmental concern and conservation behavior. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 36(4), 457–475.
- Veiga, F. H. (2012). *Transgressão e autoconceito dos jovens na escola* (3.ª ed.). Lisboa: Editora Fim de Século.
- Veiga, F. H., García, F., Reeve, J., Wentzel, K., & García, O. (2015). When adolescents with high self-concept lose their engagement in school. *Revista de Psicodidáctica*, 20(2), 305-320.